

Francisco Moita Flores

HOMENAGEM AO GRANDE PORTUGUÊZ

Dr. Sidónio Paes

5-12-917

Mataram o SIDÓNIO!

«A Vida fê-lo herói, e a Morte
O sagrou Rei!»

Fernando Pessoa



Morro, mas morro bem.
SALVEM A PATRIA!

14-12-918

Ficha Técnica

Título: Mataram o Sidónio
Autor: Francisco Moita Flores
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
Revisão: Ayala Monteiro
ISBN: 9789895556960
CASA DAS LETRAS
uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© Francisco Moita Flores, 2010
e Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@casadasletras.leya.com
www.oficinadolivro.leya.com
www.leya.pt

Aos meus filhos Luís, Nuno e Matilde
As três obras-primas da minha vida

E ainda

Ao Prof. Fernando Catroga, amigo e mestre
À memória do Prof. Santinho Cunha, amigo e cúmplice
da descoberta de mil segredos
das ciências forenses

*Mais vale ser desprezado e sabê-lo
Do que ser desprezado e adulado
A criatura mais abandonada pela sorte
Ainda conserva a esperança
E não teme dias mais adversos.*

Shakespeare, *Rei Lear*

MATARAM O SIDÓNIO!

Ana Rosa tinha vinte e quatro anos, o cabelo negro e lábios carnudos, sensuais. E estava a morrer. Os olhos também eram negros, agora ainda mais negros, pois cintilavam de febre no centro das negras olheiras fundas, e largas, que lhe marcavam o rosto de cetim. Os ataques de tosse, que terminavam invariavelmente em espasmos de asfixia, também eram negros. Carregavam os primeiros sinais de um luto precoce, que de negro já vestia. O seu homem, soldadinho do Corpo Expedicionário Português, tombara na Flandres ao serviço da Pátria. Dizia-se. Ela apenas sabia que, dois anos depois do casamento, regressara à casa paterna, sozinha e de luto.

O médico Asdrúbal d'Aguiar fechou a maleta e fechou-se num gesto ambíguo. Disse à mãe de Ana Rosa:

- Pouco mais há a fazer.

- Vai morrer? - havia tanto medo na pergunta que respondeu ainda mais ambíguo:

- O futuro a Deus pertence. Ele decidirá - depois, com um sentido mais clínico, rematou a conversa: - A «espanhola» quer levar-nos todos para o cemitério, Alice.

- Eu sei! - gemeu a mulher. - Oh, se não sei! Já me levou o marido e os sogros. De repente, insurgiu-se, irada: mas também lhe digo, senhor doutor! Não existe Deus se a minha Ana Rosa se for. É o Diabo quem comanda as nossas vidas e as nossas mortes. Não existirá Deus?

Encolheu os ombros.

- Sobre quem manda, não sei. Sou médico, ainda por cima médico legista. Pouco conheço sobre as matérias divinas. E, mudando o tom da conversa, rematou: - Vá, vai fazer o que te mandei. Pode ser que ajude a salvar a tua filha. Eu vou cear. Se precisares de mim, é só bateres à porta.

- Não sei como lhe pagar tanta ajuda. Tenho uns ovinhos que...

- Guarda os ovos, Alice, e trata da Ana Rosa. Com a tua força e a que dela resta talvez consigam vencer o Diabo. Boas melhoras.

E saiu. Estava esfomeado. Desde que a pneumónica invadira Lisboa, não houvera uma noite para cear com a família. Quando chegava do Instituto de Medicina Legal, onde era chefe do Serviço de Clínica Legal, tinha à sua espera uma folha com os nomes dos vizinhos e amigos que lhe pediam ajuda. Ao princípio, ainda reagira, contrariado.

- Porque não dizes a esta gente que sou médico de mortos? Faço autópsias, exames anatomopatológicos, sou perito em exames sobre ferimentos, equimoses, hematomas. Sei mais de punhais e de pistolas do que sobre gripe ou tosse convulsa.

Glória beijava-o com ternura e argumentava, disparando as palavras certeiras ao coração do marido.

- Asdrúbal, és demasiado bom homem para te refugiares nessa conversa. Podes saber pouco dessas doenças, mas sabes o que está a acontecer. É terrível! Ainda hoje morreram mais duas pessoas da nossa rua. Um velhote que trabalha numa quinta para os lados do Campo Grande e o senhor Marcelino, da carvoaria de Santa Marta.

- O Marcelino morreu? Mas ainda não há uma semana que estive com ele!

- Uns homens da Misericórdia levaram-no na padiola, embrulhado num lençol. Lá foi a caminho da vala comum do

Alto de São João.

- Coitado do Marcelino! Era um bom amigo.

Deve dizer-se que Asdrúbal d'Aguiar organizara a vida, os afectos, o trabalho, em categorias simples mas eficientes. Não reconhecia, fosse quem fosse, por ser poderoso ou de condição humilde. Bastava-lhe saber se era boa pessoa, bondosa e afável, ou se estava perante um exemplo da soberba ou de qualquer outro dos pecados capitais. Portanto, o Marcelino era um bom amigo por ter sido uma boa pessoa. O mestre que ensinava a Asdrúbal, no entardecer da Rua do Telhal, as regras do futebol, um estranho jogo em que os atletas disputavam uma bola com os pés, e que apaixonava os lisboetas, que corriam aos campos de Benfica para assistir aos jogos do Sport Lisboa, ou aos campos do visconde de Alvalade, onde jogava o Campo Grande Sporting Clube e que recentemente passara a denominar-se Sporting Clube de Portugal.

- Esta maldita gripe há-de dar cabo de nós todos - gemeu Glória e, preocupada, perguntou: - Sentes-te bem, não é verdade? Fico com tanto medo que adoeças naquele Instituto. Ainda por cima com a sobrecarga de trabalho que te puseram em cima dos ombros.

A mulher referia-se ao cargo de director interino que, há cerca de dois meses, lhe fora confiado pelo professor Azevedo Neves, que, entretanto, aceitara a pasta do Comércio na última remodelação governamental levada a efeito por Sidónio Pais. Até ao regresso para o cargo que lhe pertencia, Asdrúbal d'Aguiar acumulava as funções de chefe de serviço com as de direcção do novel Instituto de Medicina Legal de Lisboa. Sorriu e beijou-a.

- A *influenza* não quer saber de cadáveres. Anda sempre à procura dos vivos. Dá-me então o papel com a lista dos doentes. E uma maçã, que estou cheio de fome.

Pegava na maleta e partia para visitas pela vizinhança, descobrindo doentes e moribundos. Calcorreava o Torel, a Calçada do Lavra e do Moinho de Vento, Santo António dos Capuchos, as hortas do Conde de Redondo até regressar cansado e mortificado por travar um combate tão desigual. A *influenza* fustigava impiedosamente a cidade desde os inícios de Outubro, lançando o medo e a morte por toda a parte. Por cada dia que passava, surgiam mais xailes negros pelas ruas, homens de cenhos carregados de tragédias, e Lisboa, ainda sobre a pressão dos efeitos traumáticos da Grande Guerra, esvaída de fome, gania prantos e mortos breves, tão apressados que dir-se-ia que Deus apenas lhes dera vida para que a morte os levasse. Os cemitérios não davam vazão à enchente. No Alto de São João, entravam cadáveres às dezenas. E nos Prazeres. E na Ajuda. E a peste ria-se de tanta amargura fétida. Brincava com a dor de tanta gente, começando por matar os coveiros. Contava-se que o encarregado geral do cemitério da Ajuda sepultou, sozinho, mais de cem corpos com as almas devoradas pela epidemia. Os seus subordinados deitados à terra, e os cadáveres cada vez mais pútridos, cada vez mais exangues, esqueletizados, mirrados, amontoavam-se, provocando o regresso da velha vala comum que os cemitérios municipais tinham jurado extinguir em nome da individualidade e da dignidade de todos os homens. A vala comum regressara ungida pelos demónios que Mouzinho da Silveira e Rodrigo da Fonseca Magalhães julgaram ter vencido setenta anos antes, quando libertaram os mortos das cercas eclesiais.

Asdrúbal d'Aguiar conhecia o poder corrosivo da peste. Saltara de um passado milenar, feito de muitas pestes, para interpelar o século que abria euforicamente as portas ao som dos hinos que anunciavam a ciência e a resolução de todos os males do corpo, da alma e do mundo. Conhecia a

maleita da bancada de autópsias por onde, durante aqueles quase três meses tinham passado dezenas de infelizes antes de irem a enterrar. Os tanatologistas, liderados por Geraldino Brites, não davam vazão à enchente e ele socorria-os, desafogando o tráfego de mortos que chegavam nas padiolas, nos carros de mulas e de bois, em automóveis, ou tão-só embrulhados em sacos de carvão. Gente sem nome, nem família, nem passado, vindos dos recantos negros de enxúndia e lixo, espalhado pela cidade, pelas ruas e pelos pátios, pelas «ilhas» e «vilas» operárias de Xabregas a Alcântara. Gente que respondia apenas pela alcunha, pois chegara antes da reforma republicana do registo civil e do direito ao nome. Raramente contando episódios de família, a alcunha registava histórias de vidas, vindas de muito longe, de galegos e trasmontanos, de minhotos e ribatejanos, almocreves e ganhões, pastores e camponeses, convertidos em serventes de pedreiro, construindo a Lisboa que despertava para as primeiras buzinas das fábricas da tardia era industrial.

O seu colega Geraldino Brites, chefe do Serviço de Tanatologia, autopsiou ou dirigiu as autópsias de indivíduos que apenas respondiam por o *Coxo*, o *Galego*, o *José das Bestas*, a *Emília Cerzideira*, o *Fandanguista*, a *Velhaca*, o *Minhoto*, o *Pilonas* e por aí fora. Sem outro nome. Sem idade. Sem paternidade. Por vezes, no livro de entrada dos cadáveres ainda surgia a terra onde se supunha que haviam nascido, pois existe um pedaço de terra íntima na alma de cada homem. E todos eles, andarilhos de muitos trilhos, malteses da riba Tejo, por não se saber a quem pertenciam nem se lhe conhecer a causa da morte, desembocavam na Morgue, ainda há pouco tempo transformada em Instituto de Medicina Legal. Em todos a peste revelava-se de forma semelhante: os pulmões estilhaçados por pneumonias que

asfixiavam o tutano dos brônquios. Noutros parecia que tinham explodido, tal era a hemorragia interna que coalhava o tórax dos finados. Para além desta anatomopatologia apocalíptica, feita de pus e morte, ainda que se soubesse que era um vírus da família da gripe normal, nenhum cientista, herdeiro dos instrumentos de Pasteur e do laborioso positivismo de Comte, conseguira ver na lamela de um microscópio a figura do estupor. Familiar da gripe de todas as invernias, era certo. Todavia, não se compreendia porque matava assim, assassino veloz, que não precisava de mais de três a quatro dias para asfixiar os mais descuidados. Alguns morriam num punhado de horas. Começavam as febres, a falta de ar, os tremores pelo corpo e suores de arrepiar, que ninguém sabia se eram de frio ou de calor, sendo certo que todos tremiam de medo e nem mezinhas antigas, nem os compostos vindos do pilão do farmacêutico, dos boticários, dos sábios que guardavam segredos seculares de chás, tisanas e outras ervas mágicas oriundas das montanhas de Sintra, salvavam da asfixia aqueles que a pneumónica tomava em garrote. Todos mortos. Novos e velhos. Curiosamente mais novos do que velhos. E os vivos sobreviviam entre o desgosto de lutos acumulados, pois havia famílias em que, de proles numerosas, restavam dois ou três e ninguém sabia se esta não era a peste anunciada para o fim dos tempos. E, por todos estes medos à solta, as bruxas da cidade, quase todas proclamadas herdeiras dos dons milagrosos de Sousa Martins, que se finara meia dúzia de anos antes para os lados de Alhandra, garantiam mezinhas retiradas do *Livro de São Cipriano*, benzeduras que espantavam o Maligno, pois que era esta a sua força. E que ninguém duvidasse! Que o luto era penitência pela remissão dos pecados republicanos. Como já se havia revelado meses antes, na

Cova da Iria, para os lados de Ourém, quando Nossa Senhora apareceu a uns pastorinhos, fechando o céu e a terra numa trovoadas tão medonha que era a própria evidência de Deus. A peste cruzava a fúria demoníaca com a cólera divina, como se as sete trompetas tivessem anunciado o fim da idade dos blasfemos e ímpios, e os pobres de Cristo finavam-se sem que houvesse dos senhores doutores resposta científica que explicasse tanta lágrima, tanto sofrimento, tanto último suspiro, tanta dor, tanta morte, tantos mortos. E ganhavam fama.

A Rosário do Fraldisqueiro abandonou a canastra que durante anos empinara na cabeça, vendendo sardinha linda, para se dedicar aos milagres. Rezava três padres-nossos. Depois fazia, com azeite quente, o sinal-da-cruz na testa, no peito e na barriga do crente. Arrumava os trabalhos com mais um padre-nosso para depois recomendar ar fresco e, à noite, leite com aguardente com fartura, abafando até que o Sol nascesse. Não havendo leite, que se reforçasse com três sinais-da-cruz, sempre de costas para as encostas dos cemitérios, encarando o Tejo, que a água do rio é pura, tão pura que foi escolhida por João Baptista para baptizar os filhos de Deus. Ganhava dez vezes mais por cada dia de peste, sem precisar de calcorrear as ruas da Madragoa até à Lapa, canastra pesada de peixe, aturando clientes. Como ela, muitas feiticeiras, recrutadas aos tempos idos e velhos da história, ainda salvaram mais crédulos que a fúria da epidemia descuidara. Nunca se vira liberdade assim no Reino, ou na República, para bruxas e cartomantes, ciganas especialistas nas leituras da sina, *santos* que enganavam qualquer mau olhado, videntes que reclamavam as almas virtuosas, vindas do outro mundo para, com a sua bondade, afastarem a peste e curarem os clientes do negócio. Trabalhavam com desvelo sob o olhar de bonomia da

República, mais indulgente do que a fúria dos tribunais heréticos de outrora.

Lisboa era um mar de doentes. Os hospitais atulhados, alargaram funções às escolas, conventos, armazéns, transformados em enfermarias de campanha, e multidões assustadas, doridas da tosse e das febres, saltavam das filas da maleita para as filas da sopa do Sidónio, multidões esfomeadas, extenuadas, zurzidas pelo racionamento que cortava no pão, no açúcar, no mais humilde dos confortos, transformando a cidade num imenso peito a arder em febre e medo. E a «espanhola» reinava. Orgulhosa e déspota. Escolhendo vítimas, decidindo quem deveria matar, quem deveria ser apenas submetido ao suplício com poupança da vida, que apenas deixaria em leito sofrido. Reinava, e com ela renasciam maldições e culpas. Não foram poucos os sacerdotes que não desperdiçaram tempo para morder as canelas da República infiel, que tão madrasta se revelara para a Santa Madre Igreja. Foram ainda mais os republicanos, sem condição, que consideravam Sidónio Pais culpado de todas as atrocidades. Desde os presos políticos ao racionamento, esse homem ruim que conspurcara a República Velha e inventara outra maneira de matar os famintos, depois de ter deixado morrer tantos heróis à míngua nos campos de La Lys. Um verdadeiro diabo laico que desprezava os sonhos dos seus irmãos que juraram construir a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

E nessa noite em que Ana Rosa estrebuchava, dividida entre morrer e viver. Nessa noite em que Asdrúbal d'Aguiar regressava a casa a altas horas, cansado de tanta mágoa, derreado de tanto andar, vencido pelo trabalho e pela incapacidade de curar, sonhando muito menos do que os heróicos sonhos republicanos, que clamavam vingança contra o ditador, e desejando apenas uma cama onde

adormecesse, obrigou a esposa a acenar freneticamente, mal surgiu à luz dos candeeiros de gás.

- Asdrúbal, vem depressa!

Estugou o passo, ansioso e desperto. A aflição de Glória denunciava a tragédia.

- O que foi? - gritou de longe, enquanto corria para a mulher. Pensou que um dos filhos adoecera e o coração bateu forte. Só já mais perto perguntou outra vez: - O que foi?

- Trouxeram um recado do Instituto. Mataram o Presidente da República.

- O quê? - da aflição inicial passou para a surpresa. Devia ter percebido mal.

- O Presidente Sidónio.

- Morto? Mataram-no? Tens a certeza?

- É verdade. Mataram Sidónio Pais.

Com uma mão, a mulher limpava as lágrimas do rosto. Com a outra estendeu-lhe o papel assinado pelo seu director, agora governante, Azevedo Neves.

Sidónio estava morto. Cumprira-se o destino, ainda há pouco anunciado, quando se salvara por pouco de um atentado após uma homenagem aos marujos da nossa pobre Armada.

O médico legista entrou em casa. Pousou a maleta e deixou-se cair numa cadeira, pernas trémulas da surpresa e do cansaço. Tornou a ler a mensagem. Era curta e seca: «Preciso de si. Assassinaram o nosso Presidente da República. Estou no Instituto ou em São José. Azevedo Neves.» Como por milagre, o cansaço desapareceu. Mais do que a percepção política do que poderia acontecer, pensava no sofrimento do seu mestre e amigo que acabara de lhe enviar o bilhete. Azevedo Neves integrava, desde Outubro passado, o Governo de Sidónio Pais, saído do golpe militar

de Dezembro do ano anterior. E por causa da violência com que a *influenza* se aproximara de Lisboa, sabendo da onda de devastação que percorria o país de norte para sul, acabara por aceitar um desafio maior. O Presidente conhecia a dimensão assassina da pandemia. Percorrera enfermarias e hospitais, dando ânimo aos doentes, confortando as famílias. Visitara conventos e escolas, transformadas em imensos lugares assistenciais, atulhados de doentes que as instituições de saúde já não conseguiam receber, e tudo apoiado no grande estardalhaço da política feita de espectáculo, do qual era o único protagonista. Pedira a Azevedo Neves e Ricardo Jorge que preparassem a rede hospitalar e assistencial de Lisboa para receber a doença. Embora se fizesse sentir desde Maio, um pouco por todo o lado, aumentara a agressividade a partir dos finais de Junho. Os primeiros mortos surgiram no Norte, entre Amarante e Vila Real. Avançara para Trás-os-Montes e em direcção ao Minho e começou a descer lentamente junto à raia. Em Julho matava desabridamente acima do sistema montanhoso da serra da Estrela. A partir de Agosto, enchia os cemitérios de Castelo Branco, de Portalegre, de Évora, e galopava, assassina, para o Sul, Alentejo fora até ao Algarve. Muitos municípios tiveram de recorrer à requisição civil para sepultar os seus mortos, sem tempo para covais, abrindo valas comuns a eito, sepultando rapidamente, não fosse a *espanhola* ressuscitar, e cercou Lisboa em finais de Setembro.

As primeiras vítimas chegaram aos cemitérios da cidade na última semana daquele mês. E a fileira não deixou de engrossar os números de dia para dia, chegando a cinquenta enterramentos diários no Alto de São João quando, nos dois meses seguintes, se apossou definitivamente da capital.

Azevedo Neves, ao lado do seu amigo Ricardo Jorge, então director-geral de Saúde, e de outros médicos, fazia parte do estado-maior do exército sanitário, incumbido das defesas de Lisboa contra a *influenza*, o mais mortal dos inimigos que alguma vez tinham invadido a cidade. Nem a peste negra matara assim, tão desprendida e cruel.

- Vou ter com o professor. Não esperes por mim - disse Asdrúbal, tornando a pôr o chapéu.

Glória correu a buscar o sobretudo e pediu-lhe:

- Come uma sopa. Está quente e deves ter fome.

- Não tenho tempo. Azevedo Neves deve estar desfeito.

- E tu adoeces se não te alimentares.

Envervou rapidamente o sobretudo e respondeu:

- Não. Estou bem. Fecha bem a porta e vê se descansas.

Depois deste assassínio, Lisboa não vai ter uma noite calma, de certeza absoluta.

- Fico tão assustada por ti, Santo Deus.

Beijou-a e afagou-lhe o rosto.

- Ninguém me faz mal. Até a «espanhola» tem medo de mim. Amo-te. Dá um beijo por mim aos nossos filhos.

- Amo-te. Tem cautela, por amor de Deus. - Asdrúbal ia sair, mas Glória parou-o. - Espera. - Tirou uma banana da fruteira e enfiou-lha pelo bolso do sobretudo. - Ao menos come enquanto vais a caminho.

Beijaram-se rapidamente e Asdrúbal d'Aguiar tornou a sair de casa.

Ainda não tinha quarenta anos. Era entroncado, de estatura média, e tinha um olhar negro. Cintilante. Não era preciso conhecê-lo de perto para se lhe descobrir, de imediato, a timidez que, por sua vez, escondia uma energia sem limite. Ingressara na Morgue de Lisboa a convite do director da altura, o professor Silva Amado. Quando as morgues foram criadas, em 1899, Silva Amado fora indicado

pela Escola Médico-Cirúrgica para implementar a organização dos serviços de perícia médico-legal. Mas o velho e enorme professor, nos gestos semelhante a um açougueiro, no trato pensar-se-ia estarmos perante um diplomata, era pouco dado a tarefas organizativas e vivia na nauseabunda sala de autópsias como um peixe na água. A anatomopatologia era a sua paixão, o amor único da sua vida, e qualquer cadáver fresco ou podre era um encantamento. Foi ao seu lado que Asdrúbal d'Aguiar deu os primeiros passos na descoberta dos inextricáveis caminhos da morte. Ou como Silva Amado muitas vezes repetia:

- Nestas entranhas descobrimos os caminhos da vida. A morte pouco importa. Um verdadeiro cientista procura com o seu bisturi as razões por que terminou a vida para com elas salvar outras vidas. É esta a missão sagrada da medicina dos mortos!

Aquele edifício no Campo Santana, ao lado da Escola Médico-Cirúrgica, cheirava mal dos alicerces ao telhado e exalava odores pútridos pelas redondezas. Eram raros os transeuntes que não passavam tapando o nariz e em passo de corrida. Ali residia o medo absoluto. Apenas os curiosos perversos eram seduzidos ao local. Logo à entrada, numa sala estreita e comprida, alinhavam-se os cadáveres de desconhecidos recolhidos pelas padiolas da Misericórdia ou trazidos, pela polícia, dos passeios, dos palheiros, retirados do rio, sem nada que os identificasse. Ali ficavam dias a fio, apodrecendo devagar ou rapidamente, conforme vinha frio ou calor. O povo de Lisboa tinha acesso a esta sala para procurar os seus entes queridos. Porém, a maioria dos frequentadores eram testemunhas assíduas, que discutiam acaloradamente as feições, idades, e teciam comentários à degradação cadavérica obsessivamente fascinados pela omnipresença da morte

Asdrúbal d'Aguiar percebeu logo a intuição felina do seu patrono. Cada autópsia de Silva Amado era um tratado de experimentalismo. Dissecava com precisão cirúrgica e intuía as lesões mortais que se escondiam nos tecidos e órgãos que abria como se corresse atrás da descoberta certa.

Sobrava-lhe em talento operacional o que lhe faltava em conhecimento académico. Dir-se-ia mesmo que era o menos erudito de toda a constelação de estrelas que brilhava no firmamento hipocrático de Lisboa dos princípios do século XX. Longe da densidade de Miguel Bombarda, do espírito analítico do recentemente falecido Câmara Pestana, incapaz das teorizações de Júlio de Matos ou de Sousa Martins. Era um operário da ciência, como a si próprio se intitulava. Herdeiro directo de Claude Bernard. E quem o visse de mangas arregaçadas, bata e avental ensanguentados, ditando ordens a assistentes e serventes, abrindo vísceras e zaragateando com cangalheiros, e não lhe ouvisse a perspicácia inteligente com que descrevia quadros de diagnóstico, conforme autopsiava, julgá-lo-ia um talhante da Praça da Figueira.

Asdrúbal d'Aguiar apenas o viu tremer uma vez. Quando chegou o momento da autópsia do seu amigo de sempre Miguel Bombarda, assassinado por um doente de Rilhafoles, dois dias antes da proclamação da República. Quando avançou de bisturi em punho para a incisão no couro cabeludo, hesitou. Não conseguiu controlar dois soluços de choro e passou o instrumento a Azevedo Neves. Aquele cadáver desnudado pertencia ao mais indómito médico, ao sábio que rendia plateias, ao director da *Medicina Contemporânea*, ao homem que congregara à sua volta uma academia crítica e corajosa.

- Abra o cadáver do doutor Bombarda. Fazemos a autópsia do nosso amigo em conjunto.

Asdrúbal não queria acreditar. O mais prático e eficiente médico legista que alguma vez conhecera diluía-se num pranto de lágrimas silenciosas conforme avançava o exame tanatológico. Afinal, os médicos da morte também choravam os seus mortos.

Quando, vindo da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, o jovem médico chegou à Morgue para ser assistente de Silva Amado, já ali trabalhava o professor Azevedo Neves.

Era o complemento do seu director. Mais meticoloso, menos interessado em resultados clínicos, mais atento a outras abordagens da tanatologia, que estudava até à exaustão, acumulando uma biblioteca enorme sobre a perícia médico-legal. Seco de carnes, barba tratada, óculos pendurados na ponta do nariz, Azevedo Neves era evidência erudita naquela Morgue nauseabunda, merecendo a admiração de todos os colegas. Até mesmo de Silva Amado, que o tratava com uma deferência onde se misturava amizade com apreço. Mas, por vezes, exasperava-o a calma minúcia do outro. E nessas alturas tratava-o por tu.

- Azevedo! Esta merda não vai lá assim. Já fiz quatro autópsias, começámos ao mesmo tempo e ainda não despachaste o primeiro tipo. É preciso eu ir aí fechar esse cadáver?

Azevedo Neves conhecia-lhe o temperamento, sorria e respondia, doce.

- Estou a terminar, professor. Estou a terminar.

E Silva Amado ralhava.

- Esta é agora a moda dos cientistas modernos. Análise e dedução. Não pensam noutra coisa. Análise e dedução! Metem as ventas dentro das entranhas de um morto e chafurdam tanto ou tão pouco que, se o cadáver não estivesse morto, morria de impaciência. Passa-me o alicate! E você aí, deixe de olhar para mim armado em cientista

moderno e comece a abrir o próximo cadáver que eu já lá vou. Ainda temos seis pela frente. Não há tempo para o cientismo. Ponha esse cu a mexer e toca a trabalhar.

O aparente desprezo pela eficácia de Azevedo Neves era falso. Ao fim da tarde, discutiam durante horas os resultados do trabalho diário com o entusiasmo de adolescentes.

- Tenha paciência, Azevedo Neves, tenha paciência. Somos médicos, a nossa primeira obrigação é ajudar a medicina a salvar vidas. O problema da justiça vem depois e numa escala muito mais abaixo. Aqui produzem-se actos clínicos. Se os juízes precisarem de nós, ajudamos, mas não nos pagam para fazer justiça. Pagam-nos perícias. E é quando pagam, que o secretário-geral da Boa Hora é um caloteiro, ainda por cima de falinhas mansas. Há mais de seis meses que não lhe conseguimos cobrar um real. Vivesse esta Morgue do que a justiça nos paga e nem gelo haveria para colocar sobre os cadáveres. Cambada de caloteiros! Como pode avançar um país cuja justiça é caloteira? Diga-me.

- Tem razão. Nisso tem razão - retorquia-lhe. - Mas os caminhos da ciência invadiram a *disputatio* retórica dos tribunais. Podemos e fornecemos provas que nenhuma testemunha pode contraditar. Do seu bisturi saltam evidências que nem juiz, nem advogado de defesa, nem testemunha são capazes de pôr em causa.

- Lá está você. As evidências do meu trabalho servem os meus alunos que querem ser cirurgiões. E quanto aos tribunais sempre lhe digo. As nossas perícias só lhes servem quando lhes dá jeito. A maioria dos exames que nos pedem nem são lidos, garanto-lhe eu. Querem lá os tribunais saber dos nossos exames.

- É verdade. Mas estamos, mesmo que os tribunais não queiram saber, a contribuir para a emergência das ciências forenses.

Era o momento de atacar o conhaque e oferecer um cálice ao antagonista.

- De facto, pensa como o Miguel Bombarda. Defendia que a ciência médica deveria substituir os juízes. Aquele Bombarda era único. Chegou a escrever, na *Medicina Contemporânea*, que não fazia sentido ser um juiz o presidente do Conselho Médico-Legal já que não percebia nada de ciência. Doido varrido, homem dos diabos, e o senhor vai pelo mesmo caminho.

Azevedo Neves não respondeu, ficando em silêncio a bebericar o conhaque. Silva Amado repetia sempre o mesmo ataque.

- E você concorda com ele. O seu silêncio é de concordância!

- Apenas estou a saborear o seu conhaque. É excelente - respondeu com polidez. - Não sou um adepto incondicional do monismo mas o professor Bombarda tem razão em muitas das suas teorias.

- Espertalhão é o que o senhor me saiu. É o que eu digo. Estes cientistas modernos perderam a vergonha.

Asdrúbal d'Aguiar ganhou, entretanto, estatuto profissional para participar nestas intermináveis discussões e deliciava-se a ouvi-los. Muitas vezes dera consigo a pensar que gostaria de ser uma síntese daqueles dois homens soberbos. Empirista e cientista. As fundações da estrada que conduziria à descoberta de todas as verdades. Pelo menos, de algumas verdades tantos séculos escondidas nos mantos envelhecidos do conhecimento de senso comum e conhecimento teológico.

DOIS TIROS E DOIS ASSASSINOS

Quando chegou ao Instituto de Medicina Legal, percebeu o pandemónio. Populares e polícias misturados olhavam com curiosidade os cadáveres que entravam àquela hora da noite. Vinham ensanguentados, com as roupas descompostas e à entrada de cada um os gritos aumentavam, a ansiedade punha em movimento a turbulenta multidão que esperava a chegada do morto Sidónio Pais. Era um babel. Aos gritos misturavam-se as discussões, política em debate à força de murros e pontapés, e fervilhava ainda mais a agitação popular. Era o seu colega Rodolfo Xavier da Silva quem estava a receber os mortos, rodeados por uma enorme escolta de polícias exaltados.

- O que é isto? - perguntou Asdrúbal d'Aguiar.

- Pessoas que foram mortas no Rossio, ao mesmo tempo que o Presidente, abatidas pela polícia.

- E o professor?

- Está em São José. É lá que se encontra Sidónio Pais.

Esgueirou-se por entre a barafunda de corpos, gritos, berros, que, naquela noite, transformavam o Instituto de Medicina Legal na casa mais animada de Lisboa e dirigiu-se ao hospital em passadas largas. A vozearia ficava para trás, porém, o ambiente era de tensão.

Tinham passado dois meses desde que Azevedo Neves os tinha deixado. Aceitara a pasta governamental, no entanto,

apesar da responsabilidade do cargo, rara era a semana em que não passava pelo Instituto de Medicina Legal, a pretexto de ir cumprimentar velhos amigos, regressando ao seio da instituição que organizara e ajudara a crescer, após a saída de Silva Amado, como quem regressa à casa paterna.

Na escuridão, algures de uma ou outra ruela da Baixa, ouviam-se disparos de armas de fogo. Tiros esporádicos e dispersos, mas anunciadores do estado de exaltação que crescia por todos os lados conforme alastrava a notícia da morte do Presidente da República. Já não lhe causou tanta surpresa a multidão que se concentrava aos portões do hospital e que uma força do exército impedia de entrar nas instalações. As conversas eram desencontradas, aflitas e raivosas, carregadas de esperança, outras sedentas de vingança, muitos que rezavam para que Sidónio Pais sobrevivesse, outros tantos que oravam para que ele morresse e, ao longe, para os lados do Castelo de São Jorge, numa das ruas de Alfama, chegou o som de foguetes de alegria que alguns dos presentes, à porta do hospital, acolheram com júbilo.

Ao mesmo tempo que a notícia da morte do Presidente-Rei ganhava força, uma onda de boatos cruzava-a veloz, desmentindo qualquer morte, que fora ferido no braço, que os assassinos foram mortos, que Sidónio, ungido de Deus, jamais poderia morrer às mãos de velhacos, e não se sabia naquilo que se haveria de acreditar. A única verdade inteira e viva é que chuviscava. Uma água miudinha que fazia rebrilhar as pedras frias das calçadas e que chuva assim era amiga da «espanhola» pelo que o medo de morrer era maior do que a mágoa por Sidónio. Lisboa amedrontava-se ao som dos disparos e da iminência de mais mortos. Escondia-se por casas e casebres. Não bastava o império da

peste, um destino decidido por caprichos e por disparos traiçoeiros impunha a chegada de novos medos à cidade. Pelas ruas só andavam aventureiros, militantes políticos e alguns bêbados, que saíam, aliviados, das casas de prostituição do Bairro Alto e do Benfornoso. Na rua só morria quem queria. Em casa, milhares esperavam a morte assinada pelo vírus maldito ou escondiam-se dela, abafados, ainda que esfomeados, à espera de um novo amanhecer.

Foi encontrar Azevedo Neves num corredor de acesso ao banco do hospital. Com ele estavam várias figuras, fardadas ou bem vestidas, que Asdrúbal d'Aguiar percebeu serem próximas do Presidente. Apenas conheceu Sousa Fernandes, governador civil de Lisboa, e reinava uma agitação febril entre eles. Somente o professor estava alheado, prostrado, parecendo ainda mais magro e pálido do que habitualmente.

- As minhas condolências, senhor professor. Vim logo que soube da tragédia.

- Obrigado, doutor Asdrúbal. É, de facto, uma noite muito difícil para mim.

As palavras saíram-lhe murmuradas, carregadas de uma mágoa cinzenta. Puxou o subordinado por um braço e entrou com ele numa sala. Numa marquesa estava o cadáver de Sidónio Pais. O corpo, apenas desnudado no peito, indiciava a urgência da intervenção clínica para o salvar. Pelos cantos da boca escorrera sangue, agora coagulado, e duas compressas, uma sobre o peito, a outra no abdómen, tapavam os ferimentos por onde a vida teria fugido. Estava fardado e o rosto, já invadido pela rigidez cadavérica, parecia esculpido num mármore cinzento e brilhante. Uma máscara como os bustos dos imperadores romanos, e Asdrúbal d'Aguiar compreendeu, naquela pose

de estátua mortuária, o que levava tantas mulheres a perderem-se de amores por ele. Na verdade, poderia não ser a morte do melhor Presidente da jovem República, mas seguramente era o mais belo e varonil de todos eles. Era a primeira vez que o via. Ainda por cima tão perto, e o olhar do perito sobrepôs-se a qualquer outra curiosidade. Asdrúbal notou não existirem incisões cirúrgicas, pelo que a pergunta era uma resposta.

- Já chegou sem vida a São José?

Azevedo Neves assentiu com a cabeça.

- Os dois ferimentos são letais. Foi atingido nos pulmões e no fígado. Deve haver uma grande hemorragia interna.

Não respondeu. Concordava com o diagnóstico. A mágoa do seu director e a presença do cadáver do Presidente da República deixaram-no num recolhimento constrangido, sem saber o que dizer. Ou fazer. Procurou os lugares-comuns que se devem dizer nos momentos de luto, mas não encontrava palavras, até porque a amargura espelhada no rosto de Azevedo Neves merecia maior solidariedade do que a manipulação de palavras artificiais e vulgares. Estava no outro lado da marquesa, hirto, a cabeça pendia sobre o peito. A sobrecasaca e o fato negro davam maior vivacidade à camisa branca e à barba já grisalha, fechado num mutismo de sofrimento e memórias. Passaram longos minutos assim, até que o director do Instituto, agora secretário de Estado, falou. Não era uma conversa. Pressentiu uma confissão e Asdrúbal encostou-se à parede, quieto, silencioso, pois percebeu que era fala que não podia quebrar.

- Sei que muitos dos meus amigos se questionaram das razões que me levaram a apoiar este homem. Logo eu, que cheguei a ser o único deputado monárquico eleito durante a República e aí me bati com todas as minhas forças pelo

regresso do rei e pelo fim deste regime, que mais não é do que a evidência do caos. Que fui voz discordante com todas as formas de regime republicano, que nunca deixei de dizer aquilo que pensava e de agir sempre de acordo com as minhas convicções. Sei que vocês, todos aqueles que comigo trabalhavam na Morgue, ficaram surpreendidos, e desconfiados, por ter aceite ser seu secretário de Estado do Comércio. Quando ele me convidou, vai agora para três meses, não estava em condições de lhe dizer não, embora já se percebesse que a sua República Nova tinha os dias contados. Aceitei por gratidão. Sidónio Pais teve a sensibilidade que nenhum Parlamento, que nenhum Governo revelou para os grandes desafios que a ciência colocava ao mundo da medicina e da justiça.

Suspirou como se um cansaço infinito se tivesse apoderado dele. Deu um passo na direcção do cadáver e parecia que falava com o Presidente assassinado, e Asdrúbal recolheu-se ainda mais, escutando aquela confissão surpreendente.

- Não sei quantas petições, interpelações, requerimentos, fiz ao longo de todos estes anos para que o ensino da medicina legal e das ciências forenses fosse levado em consideração pelos vários governos. A Morgue, que o nosso comum amigo Silva Amado empurrava com todas as forças e boa vontade, não passava do pesadelo de Tântalo. Jamais seríamos pares entre a comunidade científica europeia enquanto não impuséssemos as reformas decisivas para a administração de uma boa justiça. Pedi para falar com ele logo que foi eleito Presidente da República. A votação maciça que recebeu e as alterações legislativas que transfiguraram a Constituição davam-lhe poderes quase absolutos. Era o momento propício para lhe expor as minhas preocupações. Escrevi-lhe com esperança, mas sem ilusões.

Já tomara a decisão de não deixar de lhe escrever a repetir o pedido de audiência. E devo dizer que foi com grande espanto que recebi a notícia de que seria recebido pelo Presidente da República na semana seguinte. Era um bom sinal e não hesitei. Dava-me meia hora para expor o meu assunto. Elaborei um pequeno resumo, sublinhei as propostas e apresentei-me no seu gabinete. Foi cortês e ofereceu-me chá. Pedi-lhe que me ouvisse o Presidente da República e que me escutasse o lente de cálculo infinitesimal da Universidade de Coimbra. Pedi-lhe que não fosse apenas o estadista, mas também o académico sentados, num só, à minha frente. Sorriu delicadamente, fez com a cabeça um gesto de concordância e deixou-me falar durante o resto do tempo. Quando terminei, dei-lhe os documentos que preparara e ele disse-me: «Muito bem. Percebi as suas preocupações e pode crer que quer o Presidente da República, quer o professor universitário concordam consigo. Brevemente terá notícias do meu gabinete.» Não chegaram a passar dois meses quando recebi as minutas dos decretos que iria publicar. Enviava-os para saber se havia alguma alteração que eu desejasse propor. Entre a surpresa e a euforia fiz algumas sugestões e devolvi-os no dia seguinte. Estávamos em Junho e começavam a chegar as primeiras notícias preocupantes sobre a pneumónica. Outros dois meses depois era publicado o decreto que fundava os institutos de medicina legal de Lisboa, Porto e Coimbra e o outro que ordenava a criação da Polícia de Investigação Criminal equipada com laboratórios de polícia científica. Essas duas decisões cumpriram o meu sonho e sei, tenho essa certeza como valor absoluto da minha vida, que irão modificar radicalmente a relação da medicina legal com a polícia e com os tribunais. Tenho a certeza, doutor Asdrúbal!

Controlou a emoção que, crescentemente, ia empolgando o monólogo. Da rua chegava o ruído de gritos, de choro do gentio que procurava saber no hospital a confirmação da fatídica notícia. Azevedo Neves, indiferente à arruaça, continuou:

- Poucas reformas da República terão consequências tão dilatadas no tempo como estas. Para bem das ciências médicas e para bem da justiça, e enfrentando Asdrúbal d'Aguiar, perguntou: - Compreende agora? Como poderia recusar o cargo de secretário de Estado do Comércio que me ofereceu três semanas depois? Não podia. E aceitei. Sem arrependimentos. Grato para o resto dos meus dias e, ainda por cima, a olhar para este tempo com uma ironia paradoxal. Duas das maiores reformas republicanas foram impulsionadas por um monárquico. Não deixa de ser irónico, não é verdade?

Asdrúbal d'Aguiar estava impressionado. Arredado da vida política, pouco atento à turbulência da luta partidária, de atenção virada para o seu trabalho e para as bibliografias médicas que recebia de toda a Europa, aliás, hábito que copiara das práticas de Azevedo Neves, jamais lhe passaria pela cabeça o psicodrama que acabara de escutar em jeito de confissão. De repente, ficou surpreendido consigo próprio. Ele, que sempre antipatizara com Sidónio Pais por considerá-lo vaidoso e déspota, passou a respeitar, no cadáver que estava à sua frente, o homem que desprezara.

- Deixou-me sem palavras, senhor professor - foi a única coisa que conseguiu dizer.

- Surpreendente, não é?

- De facto.

- Será esse o maior legado de Sidónio. Ele foi passado e futuro ao mesmo tempo, foi velho ancião e visionário. Infelizmente nunca percebeu o seu próprio tempo e

terminou aqui. Desfeito a tiro. Para seu mal e para mal do país.

- É verdade.

Asdrúbal não conseguira ainda recompor-se da narrativa confessional de Azevedo Neves.

- Depois desta noite, meu caro, duvido da sorte desta República. Este assassinio vai manchá-la para sempre.

- Já se sabe quem fez isto? - perguntou Asdrúbal d'Aguiar procurando conduzir a conversa para territórios profissionais.

- Segundo me contaram há pouco, existem duas versões principais. A primeira é a de que dois homens armados dispararam à queima-roupa contra o Presidente. Um deles terá sido abatido no local pela polícia e o outro foi preso e levado para o Governo Civil. Estavam emboscados atrás dos pilares das escadas que dão acesso à estação do Rossio. Dispararam quando ele ia a passar.

- E a outra versão?

- É a de que o preso disparou duas vezes, atingindo-o como vê. No tórax e no abdómen.

Asdrúbal d'Aguiar fez um gesto de perplexidade. Azevedo Neves percebeu.

- Há algo de errado?

- É estranho, mas é possível.

- O que está a pensar?

- Como é que um homem consegue disparar dois tiros consecutivos à queima-roupa contra o Presidente da República, que deveria estar cercado de homens armados, e, em vez de responderem à agressão feita mesmo à frente dos seus olhos, matam não sei quantas pessoas que andavam por ali?

Azevedo Neves olhou-o, surpreendido.

- Não mataram apenas um?

- Pelo menos quatro ou cinco cadáveres iam a entrar no Instituto, vindos da Estação do Rossio, quando por ali passei, à sua procura. Não os observei em pormenor, mas eram todos vítimas de disparos com armas de fogo.

- Que coisa estranha!

- Pois, não sei.

- Talvez fossem dois os atiradores e terão sido os disparos desenhados que desorientaram a polícia.

- É bem possível.

Também Asdrúbal d'Aguiar se inclinava para a primeira hipótese. Porém, ainda era cedo para retirar conclusões. Azevedo Neves encolheu os ombros.

- Seja como for, o caso estará resolvido. Se foram dois, a polícia matou um e deteve o outro. Se foi só um atirador, prenderam-no.

- Claro. Já se sabe o destino a dar ao cadáver do Senhor Presidente?

- Foi por isso que lhe implorei que viesse ter comigo. Preciso de lhe pedir um grande favor.

- Estou às suas ordens, senhor professor.

- Nem o Parlamento, nem o Senado autorizam a autópsia do Senhor Presidente. Tal como não foi autorizada a autópsia do rei D. Carlos nem do príncipe que com ele morreu.

- Eu sei.

- Decidiram que o cadáver seja levado para os Jerónimos e aí se realizarão as cerimónias fúnebres. Mas a notícia já corre e amanhã toda a gente vai saber. Estavam muitos jornalistas no Rossio.

Asdrúbal não conseguiu evitar um sorriso.

- Então, amanhã as primeiras páginas vão estar encharcadas de sangue. Vai ser uma confusão dos diabos.